

# A RELAÇÃO ORALIDADE / LETRAMENTO NA SEMIOLOGIA DAS AFASIAS

Heloísa de Oliveira Macedo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Caixa Postal 6045 –13.083-970– Campinas– SP – Brasil

helomacedo@uol.com.br

**Abstract.** *This paper issues the relation between oral language and literacy in the semiology of aphasia, taking the activity of textual reformulation of aphasic subjects as the starting point for the reflection. This work allows us to identify the subjects as competent writers/readers in different modalities of language, as the process of reformulating is, or demands, an epilinguistic procedure integrated to the other functions of language, as a linguistic-cognitive activity, in which language and cognition have a mutual constitutive relation. We reflect, therefore, about the semiology of aphasia, breaking with the structures of evaluation and classification as de-contextualized and inflexible procedures.*

**Keywords.** *Textual reformulation; semiology; aphasia; literacy.*

**Resumo.** *Este trabalho trata da relação entre oralidade e letramento na semiologia das afasias a partir da atividade de refacção textual escrita realizada por sujeitos afásicos. Isto permite-nos identificar os afásicos como escritores/leitores competentes nas diferentes modalidades de linguagem, uma vez que o processo de refacção seja, ou demande, um procedimento epilingüístico integrado às demais funções da linguagem, constituindo-se uma atividade lingüístico-discursiva, em que linguagem e cognição têm uma relação mútua de constitutividade. Refletimos, portanto, sobre a semiologia das afasias ao romper com estruturas de avaliação e classificação das mesmas a partir de procedimentos estanques e descontextualizados.*

**Palavras-chave.** *Refacção textual; afasia; semiologia; letramento.*

## 1. Introdução

Tradicionalmente, os estudos sobre as afasias buscam identificar as dificuldades com a linguagem escrita decorrentes de lesões cerebrais da mesma maneira que se identificam as alterações com a linguagem oral. No entanto, apesar de comprovados estudos demonstrarem que nas afasias a linguagem escrita está sempre alterada, os trabalhos que vimos desenvolvendo têm demonstrado que tais alterações, muitas vezes, não se assemelham às da oralidade, como a princípio se pensava. Nesse sentido, pretendo demonstrar que o trabalho realizado com a refacção textual escrita pode levar a uma melhor compreensão dos processos de escrita nas afasias, além de identificar maneiras de melhor descrever e compreender a semiologia das alterações nos mesmos. Isso porque os limites da afasia parecem se impor sobre a maneira como o trabalho sobre a língua/linguagem é realizado pelo sujeito afásico.

## **2. A relação entre linguagem oral e linguagem escrita – oralidade e letramento**

Nas visões mais tradicionais, a semiologia das afasias tem apresentado as alterações na linguagem escrita como se estas correspondessem a uma mera transposição da fala. Jakubovicz e Cupello (1996: 30), por exemplo, ao fazerem um levantamento e uma análise de diversos testes tradicionais para investigação e classificação das afasias, afirmam que a aprendizagem da escrita fundamenta-se na associação da palavra escrita ao seu homólogo oral, e não na associação desta aos atributos do objeto a que se refere. Ou seja, elas acabam mostrando que os testes que procuram avaliar a linguagem escrita nas afasias propõem basicamente a realização de tarefas descontextualizadas e que avaliam predominantemente a função metalingüística da linguagem, reduzindo-a a apenas esse nível.

Para realização dos testes, o investigador que os aplica solicita ao afásico que soletre, escreva palavras que lhe são ditadas, faça cópias, nomeie e descreva figuras, faça leituras em voz alta e explique conteúdo de textos e frases. Além disso, apesar de muitas vezes os testes indicarem que o grau de escolaridade do sujeito avaliado deva ser considerado, isso de forma alguma leva a modificações no tipo de tarefa solicitada ou na escolha dos textos e tipos de escrita que são utilizados. O trabalho de Santana (1999) mostrou de maneira consistente que a maioria dos testes utilizados têm mesmo uma preocupação extrema com procedimentos metalingüísticos que em nada correspondem a uma concepção de linguagem enquanto uma atividade lingüístico-discursiva em que a leitura e a escrita são momentos discursivos.

## **3. Linguagem oral e linguagem escrita nas afasias**

Como já afirmara Santana (1999), a escrita nas afasias tem sido pouco investigada e mal tratada. A partir disso investiguei mais detidamente os fatos que circundam as atividades de escrita com sujeitos afásicos e escolhi estudá-los a partir da refacção textual escrita, considerando-a como um acesso às representações do sujeito em relação ao sentido pretendido e ao efetivamente constituído. Acredito que a refacção revele diferentes aspectos sobre os processos discursivos e neurolingüísticos de sujeitos afásicos, como a presença constitutiva do letramento e da interação nas atividades epilingüísticas.

Para estudar a refacção, utilizei-me de postulados teóricos que levam em conta uma perspectiva enunciativo-discursiva da relação entre linguagem, cérebro, cognição e práticas sociais. Considerei como autores representativos destes postulados: Morato, Coudry, Novaes-Pinto; Vygotsky, Luria, Tomasello; Bakhtin, Smolka, Geraldi, Rojo; Mondada, Maingueneau, Koch, Marcuschi.

## **4. A refacção textual escrita**

Falar de refacção textual é falar de textualidade, condições de produção, de operações que o sujeito faz sobre a língua/linguagem. Estudar a refacção significa investigar sobre em que medida o fato da escrita ser considerada como uma atividade de “tomada de posição” frente ao objeto lingüístico, pode modificar o que se pensa sobre a relação entre escrita e oralidade.

A atividade de refacção mostrou-se significativa para o trabalho com os afásicos, pois, a partir do momento que eles têm que se ver com seus próprios textos,

reformulando-os, deixando-os legíveis para o leitor/interlocutor, são acionadas mudanças em sua própria condição de sujeito-escrevente. Há uma nova possibilidade de significação, de linguagem, de reconhecer-se como um sujeito de linguagem, um sujeito social: novos caminhos são traçados dentro de seu próprio cérebro e, especialmente, em relação à sua condição social.

Smolka e Góes (1993), Geraldi (1999), Abaurre e Fiad (1997) apresentam em seus trabalhos idéias sobre texto, interação, refacção textual que, embora focalizem a linguagem não-patológica demonstram que a prática da produção de textos deve estar alicerçada na concepção de linguagem como um processo de interação do qual participam interlocutores que, assumindo a posição de sujeitos, agem *no* e *sobre* o mundo através de interações verbais, usando a linguagem para influenciar o outro e ser por ele influenciado, em uma construção conjunta de sentido. Tais idéias são fundamentais para o entendimento da importância da escrita como atividade discursiva integrada à oralidade e não como uma cópia da mesma.

A refacção é um processo que corresponde à possibilidade de reescrita, de reconstrução de um texto a partir da reflexão sobre problemas no texto que podem atrapalhar a interpretabilidade do discurso. Para melhor entendimento, faço referências a autores que se dedicam sistematicamente às questões textuais, como Koch e Marcuschi. Quanto aos aspectos que envolvem o significado da refacção textual escrita, refiro-me a Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) para as quais a refacção indica o processo, dá visibilidade ao trabalho com a linguagem e sua representação (reflexão sobre os fatos que dela decorrem); dá indícios da ação da consciência na atividade de linguagem escrita ou da possibilidade do vir a ser consciente: operações epilingüísticas de “sujeitos da escrita” – ação reflexiva do sujeito com a linguagem em funcionamento.

## **5. O que o trabalho com linguagem escrita dos afásicos diz sobre a semiologia**

O ser ou estar afásico particulariza a linguagem do sujeito (em todas as suas expressões: oral, escrita, gestual). E, como dizem Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson, (1997: 23):

a contemplação da forma escrita da língua faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente pela qual manipula a própria fala. A escrita é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos.

Entender o processo de construção de um texto escrito realizado pelo sujeito afásico nos dá condições de compreender melhor a maneira como ele lida com a linguagem e questionar as tradicionais classificações e descrições de quadros afásicos. Assim, se tradicionalmente um sujeito é tido como agramático, num processo de análise enunciativo-discursivo podemos identificar que há uma perda parcial na possibilidade de uso de alguns elementos gramaticais, mas que isso, de forma alguma pode identificar o sujeito como alguém que não teria condições de se comunicar, por uma incompetência, uma condição deformante de uso da sua própria língua. O trabalho de Novaes-Pinto (1997) mostra isso muito bem com relação à linguagem oral. Nesse trabalho procuro mostrar que isso também acontece com a linguagem escrita, entendendo que tanto uma como outra se encontram numa relação de um “*continuum*”

dialético” entre ambas, numa concepção semiológica e heterogênea entre partes, também elas heterogêneas (Macedo, 2005).

## 6. Alguns dados

Os dados apresentados a seguir referem-se a MG: mulher afásica que frequenta o Centro de Convivência de Afásicos (IEL, UNICAMP) desde 2001. Tradicionalmente, seu quadro de afasia é descrito como AFASIA DE BROCA ou MOTORA ou DE EXPRESSÃO. Para poder frequentar os encontros do CCA, foi realizada uma avaliação com ela, cujos resultados foram: afasia de predomínio expressivo, com ocorrência de parafasias e anomias, hemiparesia à direita, apraxia oro-facial e dispraxia construcional. Em sua linguagem observaram-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”), caracterizando uma produção verbal muitas vezes laboriosa, com perseveração. Tal caracterização, mesmo que mais descritiva que apenas a nomenclatura atribuída por conta de uma classificação pré-estabelecida, ainda nos diz pouco de como seja a prática de (e com) linguagem de MG.

Realizei com MG vários encontros para construção de um texto no gênero relato de vida, em que ela escreveu sobre sua história com a afasia. Os procedimentos, que foram registrados em vídeo e sob forma de diário, configuraram-se na escrita manuscrita desse relato, num primeiro momento, e na digitação do mesmo em uma segunda etapa. Na etapa digitada, o texto manuscrito foi retomado e caracterizou o processo de refacção textual.

No processo de refacção textual observamos a maneira como MG lida com as dificuldades de linguagem que aparecem em suas práticas comunicativas de maneira a manter-se no tópico conversacional ou escrever um texto com sentido, coeso e coerente, de acordo com as regras lingüísticas para tal. Para constatar isso, solicitei-lhe amostras de atividades de escrita que como forma diagnóstica (porque são freqüentemente utilizadas em testes, além de serem formas cristalizadas pelas práticas escolares - ditado, cópia, complementação de sentenças, cálculos). Além dessas amostras, solicitei-lhe que escrevesse textos em gêneros variados para observarmos seu desempenho com os mesmos: listas, bilhete, relato.

Para caracterização do letramento de MG procurei investigar com ela e nos registros em seu prontuário qual sua relação com a linguagem escrita. Ela tem curso superior de contabilidade e turismo; lia romances, revistas, jornais e textos relacionados ao trabalho (agência de viagens); escrevia textos cotidianos (listas de compras, lembretes) e relacionados ao trabalho; nunca gostou muito de escrever. Atualmente diz que não tem necessidade de escrever, pois mesmos listas e bilhetes são escritos por seus irmãos que estão sempre por perto; lê jornais e revistas, às vezes algum livro, mas relata precisar retomar várias vezes o mesmo trecho lido para melhor compreendê-lo o que a acaba cansando.

Em relação à linguagem escrita, os dados observados confirmaram a necessidade de alguém junto dela para motivá-la na escrita, uma vez que apresentou na escrita características semelhantes àquelas que ocorrem em sua fala: uma certa dificuldade em encontrar palavras, realização de paragrafias, perseveração e/ou contaminação, em geral relacionada a algo falado enquanto escreve ou alguma pausa feita durante a escrita. Em atividade de **cópia** demonstrou preservação desta habilidade cognitiva e realiza tal

atividade sem grandes dificuldades; no **ditado** apresentou as dificuldades relatadas acima, especialmente na relação fonema-grafema. Quanto aos diversos aspectos textuais, apesar de apresentar alterações lexicais e sintático-semânticas, como realizar paragrafias e perseverar em alguns momentos de sua escrita, demonstrou ter preservada a capacidade de julgamento da escrita que produz, bem como os conhecimentos em torno desta atividade cognitiva, já que é capaz de elaborar o texto solicitado apenas pela nomeação do gênero ou tipo pretendido. Quanto à **leitura**, ela consegue executá-la, porém relata ter dificuldade em contar o que leu. Parece apresentar dificuldade na organização dos dados lidos e na transposição para o gênero relato oral.

Na seqüência apresento alguns dados que servem para ilustrar as afirmações feitas por mim acima. Na etapa manuscrita MG realizou apenas uma refacção textual, espontânea, a respeito de sua idade e data de nascimento. No primeiro texto havia escrito apenas o número relativo a sua idade e quando retomamos para dar continuidade à produção do texto, quis escrever a data completa. Isso aconteceu na mesma data, com o mesmo texto, em relação à profissão e local de trabalho antes do AVC. Penso que tal fato possa ter ocorrido por ter sido a primeira atividade desse tipo após a afasia.

As reformulações, que correspondem a quase todas as alterações/reparações feitas no processo manuscrito, ocorreram em sua maioria em relação a aspectos ortográficos causados por parafasias fonológicas produzidas enquanto escrevia (o que faz com freqüência). Gramaticalmente, pude observar que MG apresenta conhecimento das regras da língua em relação ao uso de pontuação e organização do texto, porém, parece esquecer-se, ou não perceber que faltam no texto e só se utiliza desse conhecimento quando orientada, solicitada, pela investigadora (HM). O uso de letras maiúsculas parece mais sistematizado, mas também ocorrem vários deslizes.

As intervenções feitas por mim (HM) nessa produção foram constantes e o *continuum* oralidade/escrita ficou evidenciado nesse processo, uma vez que quanto maior a dificuldade apresentada em relação à escrita, maior o apoio feito na oralidade. As alterações feitas por MG que correspondem às parafasias fonológicas que faz na oralidade mostram isso.

MG percebeu várias vezes quando cometeu um erro, mas não sabia como corrigi-lo. Fez várias vezes o uso de expressões que checavam se a escrita estava adequada: é isso? Está certo? A função metalingüística, embora não a reduza a essa função, mostrou-se preservada e MG a utilizou de maneira consciente.

Em 30/08/2001, primeiro encontro, por exemplo, quando escrevia respostas para as perguntas que eu fazia sobre a sua história, MG, muitas vezes, quando não acedia à palavra, voltava-se a NS (outra afásica) como uma interlocutora que partilhava de um assunto a que eu ainda não tinha acesso. Por exemplo, quando quis escrever que tinha uma casa em Bertiooga, olhou para NS e lhe perguntou como chamava o lugar. NS, por sua vez, tentou ajudar, mas também teve dificuldade. No mesmo dia 30/08/2001, MG realizou reformulações morfológicas, de palavras, identificadas por ela quando eu solicitei-lhe que lesse o que escrevera: “ropa n e”. Ao recuperarmos oralmente o texto, disse que era “perto”, que queria escrever. Eu havia ditado aquilo que ela falara que gostaria de escrever: “eu morava perto da praia”. Ela fez tentativas e foi corrigindo o texto à medida que eu pedia que lesse o que escrevera. Abaixo o texto manuscrito e a transcrição da fala referente a este segmento (a escrita abaixo corresponde à maneira

mais próxima aos caracteres gráficos produzidos por MG, bem como a organização dada ao texto).

“55 1º 1 s Operador de O  
Viagem ja openetado Apostado  
[ropa n e pertodo da trans pentra  
da prainha Bertioga”

HM: Então escreve... você morava na praia...

MG: parava...

HM: Então escreve pra mim... //ditando//: eu morava na praia.

MG: //escreve// eu/... da/... da mo/... Eu ainda tenho casa... //hesita – faz movimento de negação com a cabeça//. Esse

aqui...//aponta para segmento que acha que está errado//. //escreve//

HM: Num tem problema...

[NS: “praia” //fala tentando ajudar MG a escrever//.

HM: Que que você vai escrever? //perguntando a MG//

MG: Ai!

HM: Perto da praia?

MG: Isso!

HM: Então escreve pra mim... praia

MG: (escreve)

HM: Tá escrito o quê aqui? //aponta uma palavra na folha em que MG escreve//

MG: “Perto.”

HM: “Perto”... //ditando// da praia...

MG: //escreve//

HM: //lendo// Prainha.

MG: Prinha... prainha... //ri//

HM: Foi “prainha” que você escreveu? Que que você escreveu aqui?

MG: “praia” //escreve//

Ao comparar este último segmento de fala ao que escrevera na folha, observei que MG fez uma tentativa de corrigir “prainha”, mas não sabia bem qual era o erro: no texto original há linhas sobrepostas após a letra “i” indicando “nh”. Em encontro posterior, ao retomarmos o texto para dar continuidade ao relato, MG quis reformulá-lo. Abaixo sua primeira refacção na qual podemos observar o quanto se mantém seu conhecimento relativo às regras lingüísticas que permeiam a construção e organização do texto escrito, ou seja, sua condição de sujeito de linguagem capaz de julgar seu próprio texto em relação às normas, está preservada.

“Eu (53) fiz 53 anos 4 abril. Nasci  
em 1948.

No dia 2 janeiro de (1922) 2000 (tirru)  
tevi um AVE. Eu estavai na prainha  
Bertiaga fique sem voz tato (tonho)  
tempo.”

Como último dado, apresento o trecho do texto final, digitado, em que MG retomou os textos acima. Houve um distanciamento temporal para a produção desse texto, significativo para compreensão da importância da vivência constata com prática cotidianas com a linguagem escrita, como as vividas por MG em sua participação

semanal no CCA ou com as atividades mais individuais relativas a esse processo de refacção. O texto, por si, nos mostra a discrepância que poderia haver no caso de uma caracterização da escrita de MG apenas por testes tradicionais.

“Apresentação

Eu fiz 53 anos 4 de abril . Nasci em 1948.

No dia 2 de janeiro de 2000 tive um AVC. Eu estava na praia Bertioga fiquei sem fala. A voz fez muita falta. Além da voz eu não podia mexer o corpo. Eu parei de escrever e ler.

Antes era tudo maravilhoso.”

## 7. Comentários finais

Se a semiologia está diretamente relacionada ao diagnóstico, os testes têm um papel mediador nesse processo. No entanto, na busca a respostas, a determinações conceituais, a nomes, perdem-se as funções. Mesmo os testes cujos pressupostos teóricos dizem-se preocupados com uma caracterização social, com o padrão da lesão, a inserção e a história do sujeito, acabam por reduzir os aspectos avaliados a nomes a partir de funções metalingüísticas descontextualizadas. Nesse trabalho procurei mostrar como, através de uma atividade contextualizada, que busca a realização da atividade discursiva de linguagem escrita de uma maneira consciente, é possível compreendermos a capacidade do sujeito afásico para lidar com a linguagem escrita (compreensão e produção) sem reduzir a uma atividade meramente de teste.

Há um envolvimento do sujeito na atividade discursiva que possibilita a compreensão de como está sua linguagem escrita. A proposta de refacção de um texto permite a exploração dos diversos aspectos envolvidos nessa atividade lingüística, desde as tarefas de identificação, compreensão de palavras, frases, textos, até a própria análise do nível de letramento do sujeito a ponto de possibilitar-nos uma compreensão do que seja sua escrita. Muitas vezes as avaliações são equivocadas quanto aos seus resultados. Se o sujeito não esteve imerso em práticas escolarizadas com a leitura e a escrita, como é que ele saberá o que é separar sílabas, identificar grafemas, completar frases, adequar tempos verbais? No processo de refacção essas condições de escrita podem ser apresentadas e revistas com o sujeito, mesmo que ele não tenha um conhecimento prévio disso. Durante o processo, a conscientização do que deve ser feito para que o texto faça sentido leva ao que eu chamei, em minha tese de doutorado, de ganho no letramento. A escrita passa a ter outro status e outro significado e outras atividades a ela relacionadas ganham melhores condições. O afásico tem ganhos não só de letramento, mas também de oralidade.

A relação de *continuum* inegável entre oralidade e letramento explicita-se na atividade de produção de um texto que deverá ser reformulado e leva ao questionamento da semiologia das afasias da maneira como esta é tradicionalmente apresentada.

## 8. Referências

ABAURRE, M. B. M., FIAD, R. S. e MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas da Aquisição da Escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, São Paulo: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado das Letras, 1997. (Coleção Leituras do Brasil).

- \_\_\_\_\_. (orgs.). *Estilo e Gênero na Aquisição da Escrita*. Campinas, SP: Komedi, 2003. (Coleção ALLE)
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981. (Edição original, 1929)
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 2ª ed. SP: Martins Fontes, 1996.
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e Linguagem). (1ª ed., 1991)
- JAKUBOVICZ, R. e CUPELLO, R. *Introdução à Afasia: elementos para o diagnóstico e terapia*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1996.
- KOCH, I. V. *A Inter-Ação pela Linguagem*. 4ª ed São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando a Língua Portuguesa).
- LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. RJ: LTC - Livros Técnicos e Científicos Ed S. A.; SP: Ed da USP, 1984. (reimpressão de 1981).
- MACEDO, H. O. O Processo de Refacção Textual Escrita na Linguagem Escrita de Sujeitos Afásicos. 215f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Genèses du Discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga ed., 1984. 12ª ed.
- MARCUSCHI, L. A. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MONDADA, L. e DIBOIS, Construction des objets du discours et categorization: une approche des processus de référenciation. In: BERRENONNER e REICHLER-BEGUELIN (eds). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, pp. 273-305, 1995.
- MORATO, E. M. *Um Estudo da Confabulação no Contexto Neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP: [s.n.], 1995.
- \_\_\_\_\_. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social. In: Lopes da Silva, F & Moura, H. M. de M. (org.). *O Direito à Fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.
- NOVAES-PINTO, R. C. *Agramatismo e Processamento Normal da Linguagem*. Cadernos de Estudos Lingüísticos 32: 75-88. Campinas, UNICAMP/IEL, 1997.
- ROJO, R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I. *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- SANTANA, A. P. *O Lugar da Linguagem Escrita na Afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolingüística*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.



SMOLKA, A. L. B. & GOES, M. C. R. (orgs.) – *A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar*. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, (1999/2003).

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. (1ª ed. 1934).